



4650 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

SOBRE ARTE, DESEJOS E FORMAÇÃO DOCENTE: (RE) ANIMAR CAMINHOS
Carla Andrea Corrêa - UFF - Universidade Federal Fluminense

SOBRE ARTE, DESEJOS E FORMAÇÃO DOCENTE: (RE) ANIMAR CAMINHOS

Resumo

Resultado de uma pesquisa de mestrado, este texto traz à discussão o tema da formação estética docente. A pesquisa contou com a colaboração de vinte e quatro professoras de Educação Infantil da rede pública de um município fluminense, fundamentou-se nas abordagens (auto)biográficas e assumiu as perspectivas da arte como conhecimento e da educação estética como dimensão da existência que é tecida nas relações socioculturais, no cotidiano. Que histórias e desejos, envoltos à arte, são revelados no exercício de lembrar e narrar? Por meio da proposição de exercícios de memória, privilegiou-se o diálogo com narrativas docentes que contam sobre os espaços da arte em suas vidas. As narrativas produzidas indicam que a sensibilidade estética é cultivada nas formas culturais experimentadas e reafirmam que a estética é o contrário da indiferença. Nesse caminho, ajudam-nos a perceber a arte como oportunidade de ampliar sentidos e conexões, na formação e na prática docentes.

Palavras-chave: Formação estética docente. Arte. Narrativas (auto)biográficas. Educação Infantil.

Formação estética docente como projeto de criação, resistência e liberdade

Compreendendo que acolher e amplificar as múltiplas formas de expressão das crianças, cultivar a criatividade e a imaginação no encontro com a natureza, arte e a cultura, são requisitos da prática docente na Educação Infantil na atualidade, evidencia-se a importância de tais qualidades como requisitos formativos dos adultos-docentes. Concordamos, de partida, que a formação de professores e professoras deve passar pelo convite à imaginação e à criatividade, fomentando processos que mexem com o corpo em sua inteireza, que possam abrir caminhos para o conhecimento de si, (re)animando sua vida. No contexto de uma educação mais humanizadora, gerar propostas que contribuam para abrir os canais de sensibilidade de professoras e professores de educação infantil, na perspectiva de uma formação estética. Compreende-se, aqui, a educação estética como educação da sensibilidade, tal como definida por Galeffi (2007, p. 103): "A educação estética [...] como o cuidar da sensibilidade que cada um desejaria no mais profundo do seu desejo". E, continua o autor:

A educação da sensibilidade estética se faz ao longo do processo do trabalho pedagógico cotidiano e pontual. [...] cada momento do processo aprendente deve cuidar para ser o mais intensamente sensível, visando sempre aprender a fazer com arte e saber-fazer com arte simultaneamente (GALEFFI, 2007, p. 103).

Embora a imaginação e a criatividade não se limitem à arte, ela proporciona experiências com múltiplas expressões, abrindo espaço para o novo. Nessa direção, pensar a arte na formação docente, na perspectiva da formação estética, pressupõe admitir que cada educador pode desenvolver-se esteticamente a partir de suas próprias experiências.

Se olharmos com atenção a legislação referente a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009) fica evidente a necessidade de uma formação cultural docente para atender a uma concepção de criança que é produtora de cultura: as propostas devem garantir práticas que, entre outras, ampliem experiências sensoriais, expressivas, corporais, que "favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical" (BRASIL, 2009, p. 3). Também a legislação que trata da formação inicial de professores, as Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia (BRASIL, 2006), sinaliza a importância da dimensão estética em sua formação, reconhecendo que a sensibilidade afetiva e estética, a imaginação e a criatividade são constitutivas da atuação profissional do pedagogo.

Conforme seu art. 3º:

O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética (BRASIL, 2006, p. 1).

Embora as referidas legislações apresentem avanços, ainda há pouca valorização do potencial criativo e reflexivo nos cursos voltados a formações de professores (ARAÚJO, 2015), que oferecem poucas oportunidades para ampliação dos repertórios culturais tanto pela ausência de tempos e espaços para experiências estéticas quanto pela raríssima presença da arte em suas matrizes curriculares (MOMOLI; EGAS, 2015). Por outro lado, assistimos à fragilização das relações baseadas na ética, no respeito às diferenças, no direito à existência na diversidade cultural, sendo assim, torna-se cada vez mais necessário e urgente ampliar oportunidades para o alargamento de repertórios vivenciais e culturais dos professores; incluir nos cursos de formação propostas de experiências multissensoriais, prevendo encontros com a arte e exploração de materiais e fazeres de criação capazes de encorajar a busca de outros sentidos e provocar a consciência crítica acerca da importância de perceber-se para perceber o outro.

É tarefa da formação de docentes, inicial e continuada, sim, sensibilizar e desenvolver os sentidos. Mas, note-se que isso não é o mesmo que ensinar arte para ser sensível, ou mesmo apenas ouvir músicas ou montar uma peça teatral durante a formação. Trata-se de promover encontros com esse campo de conhecimento e prática social. Como assinalado por Momoli e Egas (2015, p.72): “[...] a arte pode ampliar e potencializar o repertório estético e cultural dos futuros pedagogos, possibilitando que a educação possa vir a ser um processo mais poético na compreensão das pluralidades do nosso tempo”.

Sobre o papel da arte na educação, é oportuno lembrar as ideias de Elliot Eisner (2008), sobretudo por reconhecer que o contato com as artes, como experiência, encoraja e desenvolve outros modos de pensar sobre a realidade do mundo no qual vivemos, abrindo espaço para diversos modos de expressão e provocando emoções, curiosidade e, também, a criatividade e a imaginação. Como ele diz, “A imaginação não é um mero ornamento, tal como a arte. Juntas podem libertar-nos de nossos hábitos enrijecidos” (EISNER, 2008, p. 16). Também Veia Vecchi (2017), atelierista em Reggio Emilia, reforça essa perspectiva, assinalando a importância da criatividade para a vida: “A criatividade é revolucionária, pode desestabilizar muitas coisas, é perigosa, ou, pelo menos, pode ser para uma ordem social distante da democracia ou para aquela que não deseje realmente se inovar. A criatividade é incômoda” (VECCHI, 2017, p. 183).

Imaginação. Criatividade. Diversidade. Resistência. Liberdade. É disso que se trata quando se coloca em discussão o papel da arte, e da formação estética, na formação docente. É inegável que o educador precisa resgatar sua imaginação e dar vazão as suas formas de expressar o mundo para compreender e valorizar a expressão das crianças; por isso é fundamental oferecer-lhe possibilidades de tempos e espaços que o encorajem no processo de formação, à aventura de “ir além dos hábitos de pensar: à procura da própria voz, à escolha de seu próprio caminho. Possibilitar travessias” (OSTETTO, 2014, p.170).

Arte, formação cultural: possibilitar travessias

A definição de arte passa por escolhas e experiências, não sendo algo definitivo, único, universal; a arte como ela é: polissêmica, ambígua, provocadora, intrigante, inquietada. É a experiência dos contrastes e também das delicadezas. Segundo Leite (2008, p. 63): “Arte como uma linguagem expressa de diferentes formas, que exige a inteireza do homem, sua sensação de ligação planetária, com o cosmos, com a natureza e com os outros homens; consciência de ser sujeito social, cultural e histórico”.

A arte é uma atividade fundamental do ser humano (BOSI, 1986). No contato com a arte, em suas múltiplas manifestações, o homem pode integrar o mundo a si mesmo. A arte tem capacidade de afetar todo nosso corpo e a nossa interioridade. Aciona uma inteligência outra, que chama à poesia em nossa vida, tornando-a uma celebração, uma gargalhada, que nos faz capazes de criar belezas, amar, compartilhar, alimentar a imaginação, num movimento circular, contínuo: “A arte educa, portanto, como desencadeadora de autoconhecimento e de amadurecimento pessoal” (PERISSÉ, 2009, p.37). A arte não explica, mas nos faz sentir e compreender o mundo e, por isso, é também conhecimento. Um conhecimento sensível que se constitui numa percepção estética, que é diferente da percepção científica, pelo fato de incorporar-se às coisas para conhecê-las.

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de “aprendizagem”. Seu domínio é do não racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia (COLI, 1991, p. 76).

Se, como temos apontado em diálogo com diferentes autores, a arte é um elemento potente para a transformação

das pessoas – afinal, por meio de experiências artísticas a sensibilidade estética pode ser aguçada ou refinada e, por conseguinte, há possibilidade de expansão da formação cultural –, ela precisa ser reconhecida na centralidade de um projeto de formação docente. Não se trata de prescrições curriculares, tampouco de programas com conteúdos restritos. A formação artístico-cultural em cursos de formação docente aqui tratada, refere-se às oportunidades de espaços para a criação, para experimentação e para o contato com os bens simbólicos da cultura, seja no museu, no ateliê do artista ou na oficina do artesão. Nessa direção, é importante notar, com a pesquisadora, que

Formação cultural é toda e qualquer possibilidade de apropriação nas diferentes esferas da cultura: arte, literatura, folclore, arquitetura, artesanato, dentre tantos outros aspectos e dimensões. Traduz-se pela possibilidade de construção de conhecimentos no âmbito artístico-cultural, os de dimensão estética e poética, ligados à arte em suas expressões literárias, visuais, teatrais, musicais ou corporais, disponíveis hoje e construídos ao longo da humanidade (LEITE, 2008, p. 57-58).

No contexto da discussão proposta, aberta pela pesquisa desenvolvida, ampliar a compreensão do conceito de estética/educação estética faz-se necessário. O conceito de estética passou por revisões desde o século XVIII, quando foi definido por Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) como uma ciência da sensibilidade, valorizando a sensação, a percepção, o conhecimento pelos sentidos. A *Estética* foi elevada a uma disciplina filosófica, a qual compreendia a beleza como uma das formas da verdade, por isso constituía-se em uma teoria do belo e, por conseguinte, uma teoria da arte. Quando a ética tradicional, fundamentada na razão, entra em declínio, o estético como um modo de conhecer pela sensibilidade passa a ser valorizado, atendendo as exigências éticas da pluralidade (HERMANN, 2005).

Foi Friedrich Schiller (1759-1805), poeta, dramaturgo e filósofo alemão, a partir da reflexão sobre os efeitos da arte e do belo na formação do homem, o responsável pela definição de educação estética na modernidade. Ele acreditava na necessidade de educar os sentidos e propunha que tal educação fosse realizada por meio da arte, já que por meio dela a humanidade poderia encontrar a verdade (HERMANN, 2005). Dessa forma, a educação estética, e por consequência a arte, levaria o homem à sua integralidade, cuja sensibilidade e liberdade estariam em plena harmonia, onde os sentidos, os impulsos sensíveis são educados com as ideias da razão. Assim, também a sociedade seria conduzida à harmonia.

A estética na educação coloca-se, também, como oportunidade e possibilidade de ampliação da consciência ética, à medida que desenvolve a sensibilidade às diferenças de percepção e de gosto, reconhecendo o outro em sua singularidade. A experiência estética possibilita o acesso ao outro, nos provocando através do jogo que se estabelece em relação a obra de arte ou a um acontecimento cultural, constituindo-se num desafio ao nosso entendimento e abrindo o caminho para descobrirmos outros modos de ser (HERMANN, 2005). A experiência estética é uma experiência (auto)formativa, diz respeito a como afetamos e somos afetados pelo mundo, em sua complexidade e na inteireza de nossas próprias existências. Afinal, toda forma de ser, em sua pluralidade, é um modo sensível. As experiências que vivenciamos ao longo de nossa vida e nossa relação com o outro nos formam e nos ensinam a conhecer o mundo por todos os sentidos, tornando-nos aquilo que nós somos.

Lembrando que “[...] a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2016, p. 26), a experiência do encontro com o mundo pode nos deixar num estado de contemplação, como o artista, que vai tateando o mundo com um olhar sensível e singular para depois transformá-lo. É um movimento criativo, feito de sensações, pensamentos e ações. A sensibilidade é uma educação de si mesmo, das relações com os outros e o mundo, portanto, não se ensina, mas precisamos cuidar para que se aprenda. Ou seja, nos educamos esteticamente a medida em que nos fazemos humanos e para nos tornarmos humanos.

A partir desse quadro compreensivo foi que buscamos investigar caminhos de formação estética percorridos pelas professoras de Educação Infantil: o que contam sobre suas experiências com a arte ao longo de suas vidas? Como desejariam que a arte estivesse presente em seu cotidiano? As narrativas docentes trariam contribuições para se pensar experiências de encontro com a arte e a cultura, nas propostas de formação de professores e professoras de educação infantil?

Caminhos metodológicos: encontrar sentidos

Tudo se constrói por fragmentos. [...] Um gesto inacabado não finda. Um gesto gesta. Depois do parto, outras formas continuam a reivindicar espaços inéditos para os seus contornos de movimento. Por menor que seja o intervalo entre a intenção e a realização, é ali que a criação tem lugar (SALLES, 2013, p.19).

É preciso parar, dar o tempo, voltar ao vivido para compreendê-lo, reconhecendo nos caminhos formativos os gestos reconstituídos na memória, gestando narrativas da experiência. Intenção. Sensação. Pensamento. Realização. Criação.

Propondo investigar os sentidos da educação estética na formação dos professores de educação infantil a partir de suas narrativas, a pesquisa que dá base ao presente texto teve como objetivo geral: Identificar e analisar, nas narrativas de professoras sobre arte, sentidos da formação estética; reconhecer as experiências sensibilizadoras no percurso de vida e formação de professoras da Educação Infantil; identificar as expectativas de professoras com relação à arte em suas vidas; analisar tempos, espaços, limites e possibilidades na vivência com a arte.

O caminho metodológico foi definido nos marcos teóricos das abordagens (auto)biográficas (JOSSO, 2010; NÓVOA e FINGER, 2010; DELORY-MOMBERGER, 2012). Compreendendo a importância das narrativas como pesquisa e (auto) formação, “[...] o espaço da pesquisa biográfica consistiria, então, em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá a sua experiência” (DELORY- MOMBERGER, 2012, p. 524). A formação discutida no âmbito das abordagens (auto) biográficas reconhece o caráter formativo do percurso de vida de cada indivíduo: ao refletir sobre sua trajetória de vida, toma consciência, ou seja, forma-se à medida que elabora uma compreensão sobre seu percurso de vida.

Refletir sobre nossa vida, reencontrar memórias guardadas, contar nossas histórias, escolher o que vamos narrar, ajudam a revelar nossas maneiras de ser e estar no mundo, ajudam à percepção de quem somos e podem contribuir para a constituição de novos sentidos para nossa vida e formação. São as nossas histórias que constroem nossa identidade. Nessa perspectiva, as subjetividades são valorizadas enquanto caminho formativo, onde estão enraizadas as histórias sociais e as histórias individuais que constroem a identidade de cada um.

Os dados da pesquisa foram produzidos a partir das narrativas de vinte e quatro professoras que participaram de um curso de formação continuada para professores de Educação Infantil no Programa de Formação Continuada da Rede Municipal de Educação de Macaé/RJ, oferecido no ano de 2016. Duas questões apresentadas, focando suas experiências com arte, abordando o vivido e o desejado com relação à arte no percurso de vida, dentro e fora da escola, desencadearam narrativas textuais: as professoras foram convidadas a escrever sobre como compreendiam que a arte estava presente em suas vidas e como gostariam que ela estivesse presente. A proposta de escrita teve um caráter aberto, amplo e livre, sem qualquer intervenção da pesquisadora sobre a forma ou o conteúdo das narrativas a serem produzidas.

O processo assumido na pesquisa reafirma a compreensão de que a formação docente se realiza pela reflexão, por olhar para si através das narrativas. As professoras, ao escolherem o que narrar, vão atribuindo sentido ao que foi vivido, percebendo o que afeta/afetou suas vidas em relação a arte. Suas narrativas constituíram-se textos/escritos breves, feitos à mão, nos quais apontam formas de perceber e viver a arte. Para o presente artigo restrinjo-me as narrativas sobre as expectativas e desejos das professoras com relação a arte.

Histórias que narram desejos

Entrar em contato com as narrativas das professoras proporcionou, não só a possibilidade de compreender o que pensam sobre arte, como, também, identificar os limites sobre o conhecimento, a criação e a fruição em artes, que constituem importantes linhas de processos formativos que fiam a história de sua sensibilidade. Algumas queixas foram reveladas: a falta de tempo para o contato com a arte, a dificuldade de acesso aos equipamentos culturais, a dificuldade de viajar para conhecer novas culturas, o excesso de trabalho, a pouca oferta de cursos e experiências em que a criatividade e autoria sejam o foco; tudo isso compromete as possibilidades de formação estética dos professores, limitando seus repertórios artístico-culturais.

As narrativas foram organizadas em formas de pequenas histórias, caracterizadas como mônadas. Inspiradas nas escritas de Walter Benjamin, segundo Rosa et al. (2011, p. 203), as mônadas são “pequenos fragmentos de história que juntas exibem a capacidade de contar sobre um todo, muito embora esse todo possa também ser contado por um dos seus fragmentos”. Ao narrarem sobre suas experiências com a arte, as professoras rememoram suas histórias de vida resignificando-as sobre o seu ponto de vista atual. Escrevem sem preocupação com a forma ou extensão, abrem-se para dizer do vivido e projetado segundo reminiscências que as habitam. Do contato com tais produções, e no contexto de uma pesquisa com narrativas, vislumbra-se a possibilidade de tomar cada narrativa como parte de uma história maior que lhe dá base, que está implícita.

A seguir estão algumas histórias narradas pelas professoras, organizadas pela pesquisadora e que, no contexto dos referenciais teórico-metodológicos assumidos, dispõem-se não a uma interpretação fechada e categórica, mas abrem-se à leitura diferencial daqueles que entram em contato com as narrativas. Note-se que os nomes das participantes são fictícios, respeitando o acordo estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que assinaram.

Pelos caminhos da arte

Cristiane

Gostaria que a arte estivesse mais presente em minha vida através da participação em exposições de arte, peças de teatro e apresentações musicais. Também gostaria de fazer mais arte com os meus alunos, com pintura, confecção de brinquedos e objetos de sucata, além de descobrir outros tipos de artes com eles, através de pesquisas em livros e na internet, fazendo deles crianças criativas. Na minha vida particular, desejo usar mais fotografia como arte, fazer mais artes manuais e pinturas em tecido.

Tempo X Saber

Thulie

Eu gosto muito de fazer artesanato. Fiz curso por alguns anos, mas parei para me dedicar a profissão. Hoje tenho isso como hobby, pois somente me dedico a essa arte no tempo livre. Mas, gostaria de ter me aprofundado mais, ter conhecido novas técnicas e ter me aperfeiçoado nas que já conheço.

Arte para humanizar!

Regina

No meu dia a dia, ao amanhecer e ver o pôr do sol, o seu brilho e ter a certeza que uma nova esperança surge, que novas escolhas poderão ser feitas e que atitudes poderão ser mudadas. Gostaria muito que a arte estivesse presente nas escolas e, principalmente, nas salas de aula. A arte anda um pouco esquecida, deixada de lado, e, na minha visão, é a arte que nos ajuda a melhorar o ambiente em que vivemos quando somos capazes de criar, recriar e inventar prédios, pontes, casas, roupas e cores. Sinto falta da humanidade que homens estão excluindo quando ficamos preocupados só com o ter e não com o ser.

A arte precisa de tempo

Anne

Gostaria muito de disponibilizar tempo e, até mesmo ter condições financeiras para ir a teatros, que amo, mas que, quando fico sabendo de algum, sempre tenho contratempos. Exposições, apresentações musicais e até cinema, hoje, tenho pouca disponibilidade de tempo para visitar.

De braços dados com a arte

Josilene

Gostaria que a arte estivesse presente em minha vida de diversas maneiras, como produzir algo, pintar mesmo, pois já me imaginei uma artista que pintasse lindos quadros. Também gostaria de fazer alguma atividade física que envolvesse arte, como dança, teatro, música, etc. Mas, gostaria também de viver arte, viajar, conhecer novos lugares, culturas diferentes, lugares históricos, etc. E, ainda, frequentar mais teatros, museus, exposições, enfim, aproveitar tudo o que a arte possa proporcionar.

As professoras querem mais tempo e oportunidades para experimentar a vida com todos os sentidos e reconhecem na arte a possibilidade para esse encontro. Seria um convite para ampliar olhares, escutas e movimentos sensíveis, ir ao encontro de sua própria voz. A arte é reconhecida, também, pelo seu potencial humanístico, sensibilizador, “Desenvolver nossa sensibilidade para o artístico é uma questão de sobrevivência, na medida em que integre um projeto de humanização” (PERISSÉ, 2009, p. 90). As professoras querem mais arte em suas vidas e também em suas práticas pedagógicas na educação infantil, querem ser mais criativas e incentivar a criatividade nas crianças, desejam aprender mais, fazer mais, sentir mais. Reconhecem que uma formação artístico-cultural provoca sua sensibilidade e amplia seus repertórios.

Em seu trabalho docente, as professoras revelam uma preocupação em proporcionar mais experiências com arte para as crianças, incentivando a criação. Ressentem-se de não ter, elas próprias, um repertório ampliado para que suas propostas sejam mais criativas e diversificadas. E apontam a falta de tempo como um fator que dificulta a realização de cursos e vivências que provoquem sua sensibilidade e ampliem seus repertórios. As narrativas validam a importância da formação estética para a docência, especialmente da educação infantil, como um caminho que potencializa novas formas de pensar, sentir e agir no mundo.

Considere-se que um processo de pesquisa contém uma pluralidade de vozes, pois são muitas autorias com as quais necessariamente dialogamos, com dizeres e fazeres de tons e cores bem diversos. Muitas escolhas precisaram ser feitas para desenhar o percurso desse artigo, entre autores, conceitos e delimitações. Tempos, espaços, limites e possibilidades da formação das sensibilidades foram evidenciados através das histórias compartilhadas. O diálogo com as professoras-narradoras pode mobilizar outros professores e professoras para o registro de suas experiências sensíveis, narrando, refletindo e, com isso, tomando nas mãos seu processo formativo.

Considerações finais

Pensar uma prática docente na educação infantil que acolha as formas múltiplas da criança ver o mundo, que promova o encontro com diferentes linguagens e que alimentem seus processos criativos, é reconhecer que o espaço educativo é fértil em possibilidades sensíveis. As experiências estéticas mobilizam o sujeito por inteiro, exigindo sua cognição, ação e emoção. Arte é educação. Arte é conhecimento. Compreende-se, assim, que é necessário projetar propostas de formação de professores que ampliem essas experiências, onde a arte atravessa os conhecimentos sensível e inteligível do mundo construindo um caminho de formação estética.

Referências

ARAÚJO, Anna Rita Ferreira de. Os cursos de Pedagogia e o ensino da Arte: aspectos legais e históricos. **Trama Interdisciplinar**. São Paulo, v. 6, n.2, p. 37-58, maio/ago. 2015.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CEN nº 05/09. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** (DCNEI).

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CP nº 1/2006. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia**.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DELORY- MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n.51, set./dez. 2012.

EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, p.5-17, Jul/Dez 2008.

GALEFFI, Dante Augusto. Educação Estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97-111, jun. 2007. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2200/2169>. Acesso em 10 jun 2016.

HERMANN, Nadja **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antônio.; FINGER, Matthias. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. 1. ed; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LEITE, Maria Isabel. Experiência estética e formação cultural: discutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008.

MOMOLI, Daniel; EGAS, Olga. A dimensão estética na formação dos pedagogos. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n.2, p. 59-74, maio/ago. 2015.

NÓVOA, Antônio. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto PROSALUS. In: NÓVOA, Antônio.; FINGER, Matthias. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Danças circulares na formação de professores: a inteireza de ser na roda**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.

PERISSÉ, G. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ROSA, Maria Inês Petrucci et. Al. Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n.1, p. 198-217, jan./jun. 2011.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 6 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância**. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2017.